

RESENHA:

VALENTIM, IGOR VINÍCIUS LIMA. CAFETINAGEM ACADÊMICA, ASSÉDIO MORAL E AUTOETNOGRAFIA. RIO DE JANEIRO: COMPASSOS COLETIVOS, 2022.

MÁRIO JORGE DE PAIVA¹⁸

GUSTAVO CRAVO DE ALMEIDA¹⁹

Um livro que promete no título falar de cafetinagem acadêmica, sem dúvida, possui um começo curioso e que promete uma crítica ao mundo acadêmico de dentro da própria academia, algo que não é novidade, mas que sempre pode ser um ponto para boas reflexões.

À medida que íamos lendo, percebíamos tanto concordâncias quanto discordâncias, em relação ao autor. Concordâncias, por exemplo, em relação ao mundo acadêmico que não necessariamente valoriza uma novidade, preza repetições etc. Valentim (2022, p. 123), em determinado momento, fala que lhe encanta temas polêmicos e a nós também encanta, mas isso não nos exime de criticar escolhas, explicações, metodologia, coisas que nos parecem pouco desenvolvidas da parte de tal colega. O próprio conceito de cafetinagem acadêmica parece uma questionável escolha de palavras. Cafetinagem, como sabemos, possui um tom negativo e sexual, porque se refere, geralmente, ao elemento de exploração sexual de uma pessoa, enfim, o que pode estar envolvido até em um universo de crimes, se tivermos por base que a prostituição nem é permitida em todos os lugares. Logo, o próprio conceito que ele propõe parece fora do lugar em relação ao fenômeno que descreve, pois não está falando de exploração sexual dos jovens acadêmicos, mas de uma prática de sedução ideológica, como vemos, isso possui pouca relação com o sentido rotineiro do termo cafetinagem. No fim, a nossa impressão é que esse livro, enquanto uma crítica ao mundo acadêmico, poderia ter sido mais denso e melhor, inclusive no sentido de aprofundado mais suas próprias referências teóricas, vide Nietzsche, Foucault, Deleuze e tutti quanti.

O livro em questão é dividido em 7 capítulos, mais referências, índice remissivo e um Sobre o autor. O capítulo 1, Sobre a (des)organização deste livro, possui mais por base apresentar o projeto e a divisão dos capítulos. Diz que seu trabalho então é tentar desnaturalizar a academia e suas relações sem idolatrias (Valentim, 2022, p. 13).

O capítulo 2, Academia careta, começa dizendo que em geral a academia é careta e conservadora (Valentim, 2022, p. 17). Vejam como isso, por si só, já é um juízo de valor,

18 Doutorando em Ciências Sociais pela PUC-Rio.

19 Doutor (PUC-Rio) e Funcionário Público (UFRJ)

sendo difícil refutar ou provar tal tópico. Na sequência fala que o presente trabalho não busca uma generalização, mas refletir sobre o contexto macro, partindo de elementos que lhe afetam.

Fala que a academia lhe lembra um círculo pequeno e fechado. Existe um risco enorme de retaliação se não se quiser jogar este ou aquele jogo. Fala de práticas vaidosas, arrogantes, sedutoras etc. Em que muitos dos que se dizem progressistas se mostram conservadores em relação ao novo, quando esse não parte de sua panelinha etc. O autor aborda (Valentim, 2022, p. 19) uma tendência maior de reprodução e repetição, em que se abdicar de certos elementos da vida acadêmica se mostra possível, porém trabalhoso.

Na sequência conta como o presente texto não nasceu em formato de livro, mas em formato de artigo. Um artigo mandado para duas revistas acadêmicas, que o rejeitaram. Uma revista, a primeira, levou mais de um ano para lhe responder com uma negativa, algo que não nos surpreende. Como sabemos por nossa própria experiência, enquanto acadêmicos, há revistas que demoram bem mais para responder. Foi numa terceira tentativa, mandando para uma revista internacional, e com várias modificações, que o autor conseguiu publicar seu artigo crítico à vida acadêmica. Esse caso em específico nos parece falar pouco, não sabemos para que revistas ele mandou o material, não lemos o material do autor, e aqui falamos como pareceristas, então não dá para saber se o trabalho estava bom ou não etc. Mas, claro, concordamos que certos temas polêmicos podem tornar editores mais reticentes diante de certas publicações.

O capítulo 3, Autoetnografia, fala de forma bem breve sobre o conceito de autoetnografia. Como o próprio autor igualmente deixa claro há um desejo de sua parte por ter uma linguagem simples, coloquial, mas isso não o impediria de explorar melhor seu aporte teórico. Bortolini (2023), por exemplo, criou um livro bem didático, conseguindo discutir melhor seu aporte teórico do que Valentim, em nosso entender. Em determinado ponto do capítulo, o autor chega a falar (Valentim, 2022, p. 31) que a autoetnografia não possui preocupação com veracidade. Ou seja, ele decide pegar questões que são extremamente relevantes para sua própria metodologia e aporte e trata de forma demasiadamente breve.

O capítulo 4, Cafetinagem acadêmica, aborda esse conceito, que, como já falamos, nem sabemos se foi a melhor escolha de palavras. O autor fala de um jogo de sedução entre o acadêmico mais velho e o iniciante, os que querem pertencer ao mundo novo que está se abrindo. Assim, se aplicam objetivos e interesses, e aqui o autor está seguindo uma análise Bourdiesiana (Valentim, 2022, p. 39), daqueles que estão pré-estabelecidos e considerados válidos por outros.

Certas recomendações podem surgir disfarçadas de bons conselhos (Valentim, 2022, p. 40). Ou seja, fica pouco claro, inclusive, os limites do conceito de cafetinagem acadêmica, partindo do princípio que genuínas recomendações de um orientador preocupado, na verdade, podem ser lidas como tais práticas espúrias de cafetinagem; até pelo motivo que o sedutor não exige algo do seduzido, como diz o próprio autor (Valentim, 2022, p. 42). Quando um orientador diz: esse projeto vai lhe trazer muita dor de cabeça ele não está mentindo.

Mas, claro, Valentim também aponta como é difícil criar uma agenda própria, autônoma, de pesquisa.

O capítulo 5, Cenas universitárias, é possivelmente o melhor capítulo do livro, porque apresenta a vida de uma personagem, que pode ou não ser Valentim, descrevendo como foi prejudicada por simplesmente seguir regras e leis que regem a universidade pública. É uma mistura de um terror burocrático digna de Kafka com uma discussão sobre assédio no trabalho, mais especificamente como o assédio mina tal saúde física e mental de uma pessoa, em seus mecanismos que podem ser sutis.

O capítulo 6, Entre a Cafetinagem Acadêmica e o Assédio Moral, é um capítulo que termina por ligar melhor os pontos e dar uma coesão nova ao material. Aqui o autor fala de tais dois conceitos, do título, como dois lados de uma mesma moeda, por mais que relações humanas sejam mais complexas que conceitos duais etc. Ambos estão soldados em valores próximos, objetivos semelhantes, segundo o autor, que envolvem desde fazer com que os outros ajam de acordo com uma vontade de alguém para potencializar diversos interesses, passando por manutenção do controle das relações, que exige um não questionamento das rotinas e do status quo. Assim, um lado representa uma operação por veneração, naturalização, desejo, o outro é a face da violência e do tacape (cf. Valentim, 2022, p. 85).

O dizer não como uma grande medida da liberdade, da autonomia; poder se dizer não sem se sentir culpado, sem dever favores, isso vale para outros campos da vida e para dentro da vida acadêmica também (cf. Valentim, 2022, p. 87).

Mais uma discussão profundamente importante em tal capítulo: como os assediadores tentam fazer suas vítimas parecerem algozes. Então, o autor adota posição clara, vendo totalmente injusto e absurdo responsabilizar uma vítima por seu medo ou silêncio (cf. Valentim, 2022, p. 89).

O capítulo 7, Considerações no espelho, enquanto o fechamento do livro, volta para alguns tópicos que o autor gostaria de frisar ou explicar melhor. Falando da valorização de micro lutas, ação individual e pontual etc.

Fala que depois de trabalhar em outros ramos teve um olhar talvez ingênuo em relação ao campo acadêmico, como um possível espaço de pensamento livre, uma espécie de paraíso terreno. Porque a universidade, como qualquer organização, é uma arena em disputa, com batalhas, contradições, alegrias, tristezas, decepções, inovações e por aí vai. Um espaço com hierarquias e hipocrisias, mesmo que as universidades públicas, em particular, estejam cheias de pesquisas e textos críticos. Ainda se olha pouco pra as relações entre os acadêmicos, pondera o autor.

Aqui gostaríamos de fazer um acréscimo, algumas ideias de Valentim nos parecem similares, em algum grau, as do projeto Heterodox Academy. Há acertos, mas algumas coisas também devem ser mais problematizadas. Uma história pessoal, que acredito que combine com toda essa discussão sobre autoetnografia, quando conhecemos o material da Heterodox Academy anos atrás, ainda no doutorado, seu principal divulgador para nós foi um jovem que queria importar o projeto, de forma pouco crítica em nossa leitura, e era, muito provavelmente, um fã de Olavo de Carvalho, ou seja, a universidade mais heterodoxa pode ser uma porta de entrada para uma aceitação maior de ideias de extrema direita, por exemplo. Uma universidade mais aberta para diferentes projetos pode ser também uma universidade com menos filtros qualitativos, esse é nosso ponto. Valentim deixa claro que seu projeto não é para ampliar a extrema direita, o negacionismo etc., mas veja como isso, pelo menos em nossa leitura, pode ser uma consequência não esperada. Nossa questão é simples, os tópicos de Valentim são de importância, mas poderiam ser explorados melhor em seu livro. Esse tom com certos elementos libertários nem sempre é algo bom, não nos esqueçamos como tais próprias ideias de Nietzsche puderam ser apropriadas pelo nazismo, em leituras heterodoxas de sua obra, claro, houve o auxílio de sua irmã, mas isso não é algo que aqui desejemos aprofundar. Nossa questão é apenas essa, como o próprio autor sabe, aqui estamos falando de relações de poder, saber, subjetividade, sobre dispositivos etc., logo não haverá um vazio de poder.

Avancemos, o autor então fala que a universidade precisa ser um lugar de alegrias e potências (Valentim, 2022, p. 98), rompendo com o conformismo utilitário. Dentre os elementos que o autor defende vemos: reduzir a vontade de popularidade, abrir mão de agradar tudo e todos, desconstruir uma ideia de perfeccionismo (afinal o tempo, a vida, é limitado, a perfeição não existe), desconstruir o caráter supostamente natural das hierarquias (Valentim, 2022, p. 101-102).

Diz não estar em guerra contra a universidade, não generaliza que a universidade seja algo ruim, pelo contrário. Quer universidades públicas mais fortes e inclusivas, com pessoas mais alegres. É uma indagação sobre o que pode ser feito para melhorar tais espaços.

Recorre a Nietzsche e ao filme Matrix Ressurrections para falar que é uma minoria que quer

autonomia, criatividade etc., sendo muitas pessoas presas ao conforto do rebanho.

O livro fecha falando das pequenas iniciativas, novamente, abordando a criação de resistências e fissuras, brechas, linhas de fuga na direção de mundos mais democráticos e horizontais. Afinal, somos todos interdependentes. Em suma, entre concordâncias e discordâncias, o livro de Valentim é interessante e provoca reflexão, mesmo que estivéssemos esperando mais do mesmo em termos de densidade teórica, reflexões metodológicas e coisas desse gênero.

REFERÊNCIAS

Bortolini, Alexandre. É pra falar de Gênero SIM: Fundamentos legais e científicos da abordagem de questões de gênero na educação. [s. n] Brasília, 2023.

VALENTIM, Igor Vinícius Lima. Cafetinagem acadêmica, assédio moral e autoetnografia. Rio de Janeiro: ComPassos Coletivos, 2022.